

En PEREIRA, ANDREIA CABRAL COLARES ET ALI., *PESQUISAS EM MOVIMENTO: ESCRITAS E EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM A EDUCAÇÃO*. Itapitanga (Brasil): Schreiben.

A REFORMA DAS HUMANIDADES, OS PRIMÓRDIOS DO ENSINO DE LÍNGUAS MODERNAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO NA UNIVERSIDADE NACIONAL DE LA PLATA E O LUGAR DO PORTUGUÊS.

PASERO, CARLOS ALBERTO.

Cita:

PASERO, CARLOS ALBERTO (2025). *A REFORMA DAS HUMANIDADES, OS PRIMÓRDIOS DO ENSINO DE LÍNGUAS MODERNAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO NA UNIVERSIDADE NACIONAL DE LA PLATA E O LUGAR DO PORTUGUÊS*. En PEREIRA, ANDREIA CABRAL COLARES ET ALI. *PESQUISAS EM MOVIMENTO: ESCRITAS E EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM A EDUCAÇÃO*. Itapitanga (Brasil): Schreiben.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/carlospasero/25>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pfhd/ZEC>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. *Acta Académica* fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

PESQUISAS EM MOVIMENTO:

ESCRITAS E EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM A EDUCAÇÃO

SEPARATA

ANDREIA CABRAL COLARES PEREIRA
ROSINALVA NERES ROCHA
JACQUELINE LIDIANE DE SOUZA
BRUNA BEATRIZ DA ROCHA
REBECA FREITAS IVANICKA
(ORGANIZADORAS)


EDITORA
SCHREIBEN

ANDREIA CABRAL COLARES PEREIRA
ROSINALVA NERES ROCHA
JACQUELINE LIDIANE DE SOUZA
BRUNA BEATRIZ DA ROCHA
REBECA FREITAS IVANICKA
(ORGANIZADORAS)

PESQUISAS EM MOVIMENTO:



ESCRITAS E EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM A EDUCAÇÃO


EDITORA
SCHREIBEN

2025

© Das Organizadoras – 2025
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: EyeEm - Freepik.com
Revisão: os autores
Livro publicado em: 02/09/2025
Termo de publicação: TP0812025

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR – Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 Pesquisas em movimento : escritas e experiências que transformam a educação / organizadoras, Andreia Cabral Colares Pereira... [et al.]. – Itapiranga, SC : Schreiben, 2025.
408 p. : il. ; e.book.
Inclui bibliografia e índice remissivo
E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-5440-500-3
DOI: 10.29327/5653799

1. Educação – Pesquisa. 2. Escrita acadêmica. 3. Formação de professores.
I. Pereira, Andreia Cabral Colares. II. Rocha, Rosinalva Neres. III. Souza, Jacqueline Lidiane de. IV. Rocha, Bruna Beatriz da. V. Ivanicska, Rebeca Freitas.
VI. Título.

CDD 370

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

A REFORMA DAS HUMANIDADES, OS PRIMÓRDIOS DO ENSINO DE LÍNGUAS MODERNAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO NA UNIVERSIDADE NACIONAL DE LA PLATA E O LUGAR DO PORTUGUÊS

Carlos Alberto Pasero¹

O genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem, um pouco como o bom filósofo necessita do médico para conjurar a sombra da alma.

Michel Foucault, *Microfísica do Poder*.

1. INTRODUÇÃO

A finalidade deste trabalho é fornecer uma aproximação cronológica aos primórdios do *ensino de línguas modernas ou estrangeiras* como parte dos currículos de graduação em humanidades e ciências sociais em universidades públicas da Argentina. Esse estágio inicial de desenvolvimento dos cursos de línguas para programas de graduação não foi considerado historicamente, e sua cronologia foi determinada de forma um tanto imprecisa. Com base nesse quadro, interessa-nos determinar, ao mesmo tempo, o *lugar do ensino de língua portuguesa*, consistente com as políticas linguísticas que, em geral, têm buscado desenvolver a oferta de línguas modernas em cursos universitários de graduação — dada sua importância para o desenvolvimento do aluno e para o acesso a fontes primárias de informação e pesquisa.

Concentramo-nos no impulso inicial dado a este currículo pelo Dr. Ricardo Levene como parte de seu projeto de modernização como diretor (“decano”) da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação (FaHCE) da Universidade Nacional de La Plata (UNLP); um mandato particularmente marcado pela *Reforma universitária* impulsionada a partir de 1918 pelo movimento estudantil. Esse período de governo se estendeu de 1920 a 1930, mas sua impronta continuou ao longo do século XX, especialmente no que diz respeito ao ensino de línguas

¹ Licenciado em Letras (UBA). Mestre em Sociologia da Cultura e Análise Cultural (USAM). Doutorando do Programa de Política e Gestão da Educação Superior (UNTREF). Professor adjunto do Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, e da Universidade Nacional de Luján. E-mail: capasero@gmail.com.

modernas na UNLP e, possivelmente, em todo o restante do sistema de ensino superior na Argentina.

As iniciativas de política linguística implementadas por Ricardo Levene para promover o ensino de línguas nos diversos campos e níveis de ensino da FaHCE-UNLP contribuíram, entre outras iniciativas desenvolvidas por aquela unidade acadêmica a partir de 1920 (como parte de sua proposta de “reforma das humanidades”), para a criação, em 1922, de cursos de línguas modernas nos currículos de diversos programas. Essa modalidade de abordagem das línguas se espalhou gradualmente para outras instituições de ensino superior em nosso país; e seu arcabouço metodológico institucional, em termos gerais, permanece em vigor até hoje.

Para a realização deste estudo, compilamos, além de fontes bibliográficas, uma série de documentos de gestão relacionados ao ensino de línguas na FaHCE-UNLP durante o período mencionado. Utilizando o caso paradigmático da atuação do Dr. Levene e a marca de sua gestão nessa área específica do ensino superior, buscamos realizar uma aproximação analítica da documentação coletada, com o objetivo de elucidar a matriz cultural e epistemológica que constitui o ensino de línguas no ensino superior em cursos de graduação em nosso país; e, ao mesmo tempo, determinar as coordenadas espaciais e temporais da incorporação posterior do ensino de português naquele contexto acadêmico.

2. AS INICIATIVAS DE LEVENE E AS LÍNGUAS MODERNAS

Os mandatos do Dr. Levene como diretor da FaHCE e reitor (“presidente”) da UNLP abrange o período de 1920 a 1935. A primeira parte desse período se estende de 1920 a 1930, quando Levene ocupou o cargo de diretor da FaHCE em duas ocasiões: de 1920 a 1923 e de 1926 a 1930 (Allende, 1965; Finocchio *et al.*, 2001).

Desse período, com o fim de contextualizar e compreender seus pontos de vista e decisões sobre as línguas estrangeiras na universidade, interessam suas declarações sobre o papel das humanidades e a missão da universidade durante seu primeiro mandato, já que este ocorreu no contexto mais efervescente e comprometido da Reforma universitária na cidade de La Plata (Coll Cárdenas, 1998; Biagini, 2001; Buchbinder, 2005; Bustelo, 2014; 2018).

Em diversas intervenções públicas, como discursos, relatórios e memórias, o Professor Levene expôs sua *ideia de universidade, sua missão e o papel das novas humanidades no ensino superior*, entre outros aspectos relacionados, em grande parte em sintonia com as demandas de renovação do ensino superior vindas do setor estudantil (Levene, 1921a, 1921b, 1921c, 1921d). As expressões e ações do autor podem, portanto, ser lidas como respostas, a partir de posicionamentos no

campo educacional (Bourdieu, 2002; 2014), às demandas emanadas dessa nova conjuntura histórica, do espaço de gestão que ele foi chamado a ocupar.²

Isso pode ser observado, por exemplo, na nota de 22 de fevereiro de 1922, que Levene endereçou ao reitor da Universidade, Dr. Carlos F. Melo, na qual detalha as atividades desenvolvidas durante seus primeiros meses como diretor (Levene, 1921b). Nesse documento, motivado pela necessidade de reportar resultados imediatos em meio à delicada situação institucional — que havia levado à renúncia do reitor anterior da UNLP, Dr. Rodolfo Rivarola, em junho de 1920, e sua substituição pelo Dr. Melo (Buchbinder, 2005, cap. 5) —, Levene desdobra uma série de tópicos que configurariam seu *programa de gestão* como reitor “reformista”; entre eles: a) A necessidade de mudar o nome da “Faculdade de Ciências da Educação” para “Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação” (novo Currículo); b) A importância de transformar a Faculdade em um centro de pesquisa científica — como estratégia superadora da universidade como “escola profissional”; c) A urgente profissionalização do corpo docente; d) A incorporação e aplicação de métodos de pesquisa em sala de aula; e) O desenvolvimento da extensão universitária; f) A atenção à organização dos níveis fundamental e médio dependentes da Faculdade, etc.

Partindo da oposição dialética entre *formação profissional* e *formação científica* (que correspondia, no âmbito institucional específico da FaHCE, à tensão entre “ciências da educação” e “humanidades”, o discurso de Levene levou em conta a diferença histórica entre o “modelo napoleônico” e o “modelo alemão humboldtiano” de universidade — modelos desenvolvidos entre o final do século XVIII e o início do século XIX como respostas à crise da universidade medieval (Rothblatt; Wittrock, 1996). No âmbito nacional, o contexto de expectativas e experiências da primeira diretoria de Levene foi notavelmente influenciado, como já indicamos, pelo movimento da Reforma universitária iniciado em 1918 em Córdoba e que se expandiu para a própria UNLP no ano seguinte (Coll Cárdenas, 1998; Biagini, 2001; Buchbinder, 2005; Bustelo, 2014; 2018). No texto citado acima, o autor faz alusão àquela circunstância que fez da UNLP um espaço propício para a Reforma:

2 O trabalho de gestão de Levene na UNLP se insere no período histórico que Lobato e Zuriano (2004) chamam de “expansão da democracia” e que abrange os três primeiros governos radicais (presidentes Yrigoyen e Alvear), de 1916 ao golpe de estado conservador de 1930. Sobre o trabalho de Levene como diretor e reitor da UNLP, veja-se Allende, 1965 e 1970.

Nenhum plano ideal ou impraticável foi adotado. Com base na experiência existente na própria Faculdade e incorporando adequadamente o *sentimiento e o anseio coletivo por reformas que pulsam em nosso ambiente universitario*, buscou-se orientar o ensino em outras direções, antigas nas instituições de ensino superior europeias e inovadoras entre nós. Para empreender tal tarefa e levá-la a cabo, será necessária a colaboração de outras forças concorrentes e estimulantes, aquelas que se agitam dentro e fora da Universidade e que serão capazes de impulsionar esta ação inicial empreendida com fé (Levene, 1921b, p. 3. Trad. Nossa. Grifo nosso).³

Uma primeira resposta ao “sentimento e o anseio coletivo por reformas que pulsam em nosso ambiente universitario” foi a ação inovadora de realizar uma reforma das humanidades (Finocchio *et al.*, 2001, p. 30 *et seq.*). Esse gesto também fez parte da transição ou passagem que ocorreu no campo educacional da época, do *cientificismo positivista*, predominante até o início da Primeira Guerra Mundial, para o *espiritualismo ou idealismo* que começou a prevalecer no campo intelectual a partir do pós-guerra, como reação desiludida ao fracasso dos ideais de progresso e razão, desmentidos pelos horrores da guerra.⁴

Em termos de gestão, as posições de Levene contrastavam com as do reitor anterior, Víctor Mercante, representante do *cientificismo positivista* nos campos da psicologia e das ciências da educação (Solari, 1980; Finocchio *et al.*, 2001). O grupo liderado por Mercante — coloquialmente conhecido como “os pedagogos” — foi confrontado dentro do Conselho a partir de 1920 por “aqueles

3 No original: “No se ha abrazado un plan ideal e impracticable. Sobre la base de la experiencia existente en la propia Facultad y revistiendo de adecuada forma el sentimiento y anhelos colectivos de reformas que palpita en nuestro ambiente universitario, se ha aspirado a orientar la enseñanza hacia otros rumbos, que son antiguos en los institutos superiores de Europa y constituyen una innovación entre nosotros. Para acometer tal obra y llevarla a su término será necesaria la colaboración de otras fuerzas concurrentes y estimulantes, que se agitan dentro y fuera de la Universidad, y podrán impulsar esta acción inicial emprendida con fé (sic)”.

4 As mudanças nas posições ideológicas e políticas dos agentes do campo educacional abrangeram os níveis de ensino primário e secundário, como se pode constatar em Puiggrós (2015): “A fines de la década de 1920 el positivismo estaba en retroceso. Sin embargo, el modelo pedagógico normalizador ordenaba la vida escolar. Frente a eso, muchos docentes admiraban la escuela activa europea, el pragmatismo norteamericano y las experiencias soviéticas y registraban los ecos del movimiento reformista” (Puiggrós, 2015, p. 113). As transformações e as posições políticas no campo educacional tiveram sua contrapartida no campo intelectual, como demonstrou Sarlo (1988) a respeito da relação entre vanguardas literárias, como a manifestada pela *Revista Proa*, e a Reforma. Vallejo (2001), por sua vez, estuda o processo de imposição do pensamento idealista e esteticista pelos setores promotores da Reforma durante a renovação de estatutos e currículos na UNLP na década de 1920. Essa linha filosófica, que buscava modificar o perfil da Universidade, expressava uma postura crítica em relação ao curso dos acontecimentos na política global e regional e rejeitava o projeto materialista-científico. Em contrapartida, a implementação das humanidades e a superação do positivismo na esfera acadêmica eram defendidas como antídoto à “desumanização” do conhecimento.

setores onde Korn e Levene se destacavam, que eram a favor de dar [à FaHCE] um viés humanista e antipositivista” (Coll Cárdenas, 1998, p. 34. Trad. nossa).

Um sinal dessa “mudança de paradigma” que Levene defendeu no início de seu mandato como diretor, pode ser visto em sua proposta de alteração do nome da Faculdade, que passou de “Ciências da Educação” (1914) para ser chamada, a partir de 1920, de “Humanidades e Ciências da Educação”: “De acordo com o novo Plano de Estudos, já aprovado pelo Honorável Conselho Superior, a Faculdade se chamará Ciências Humanas e da Educação” (Levene, 1921b, p. 517. Trad. nossa). A justificativa para a nova denominação baseava-se na necessidade de integrar à herança prática e à formação docente, já presentes nas origens da faculdade, um componente baseado no humanismo que “significa a descoberta do humano” e que “representa o esforço do espírito que aspira à sua integralidade e libertação” (Levene, 1921b, p. 517. Trad. nossa).⁵

Na “Nota sobre a Reforma do Currículo” (Levene, 1921a), datada de 24 de novembro de 1920, dirigida ao Reitor da UNLP, Dr. Carlos F. Melo, Levene justifica novamente a mudança do nome da Faculdade. O termo “humanidades” é acrescentado para enfatizar a defesa do conhecimento dos *humanistas* em oposição aos *escolásticos*:

É hora de restaurar o termo Humanidades, que não pode opor-se a nada além da Universidade escolástica, mas não à moderna, que aspira a abrir suas portas a todas as correntes renovadoras do pensamento e que, fundada nos princípios da liberdade de ensinar e de aprender, permite ocupar um lugar a todos aqueles que desejam formar sua cultura ou ensinar uma ciência (Levene, 1921a, p. 532. Trad. nossa).⁶

5 “En el año 1920 se produjo la reforma del plan de estudios de la Facultad de Ciencias de la Educación, lo que determinó, finalmente, un cambio en su denominación a Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. El contexto de esta modificación sustancial del plan de estudios estuvo dado por la Reforma Universitaria que, en la Universidad de La Plata, culminó con la normalización hacia mediados del año 1920- y por la influencia de la corriente idealista en el pensamiento argentino. La inclusión de las humanidades se debió no tanto a una novedad, sino a la recuperación de un aspecto de la Facultad que se consideraba descuidado. En efecto, las disciplinas que abarcaba la sección de Historia, Filosofía y Letras habrían sido relativamente abandonadas en la práctica” (Finocchio *et al.*, 2001, p. 30). Entretanto, como exemplo das tensões no campo intelectual, temos, por exemplo, a oposição do líder político socialista Alfredo Palacios à reforma das humanidades de Levene, a quem aquele repreendeu, em 1929, pelo seguinte: “En 1920, el doctor Levene transformó la Facultad (de Ciencias de la Educación) en la actual de Humanidades y ciencias de la educación, ... (la cual) se parece hoy más a la Facultad de filosofía y letras de Buenos Aires que a la antigua Facultad de ciencias de la educación que dirigió Mercante en La Plata” (Citado por Coll Cárdenas, 1998, p. 30).

6 No original: “Es tiempo de restaurar el vocablo Humanidades que no puede oponerse sino a la Universidad escolástica, pero no a la moderna, que aspira a abrir sus puertas a todas las corrientes renovadoras del pensamiento, y que fundada en los principios de libertad de enseñar y aprender, permite ocupar un puesto a todos los que quieran formar su cultura o enseñar una ciencia”.

Tenhamos em mente a distinção estabelecida por Levene entre *humanismo* e *escolasticismo*, entre uma *universidade moderna* e uma *universidade ultrapassada, repetitiva e rotineira*. Essa distinção da administração de Levene, favorecendo um *humanismo moderno* e a estruturação geralmente fraca das humanidades e ciências sociais, caracterizada por “uma falta de consenso sobre o conteúdo básico e métodos de ensino apropriados” (Clark, 1991, p. 19. Trad. nossa), também possibilitou discussões e modificações mais amplas dentro da Faculdade em relação ao *currículo* e à *metodologia de ensino*.

Em relação a isto último, Levene, em consonância com sua defesa do ideal científico para a universidade, é a favor da superação do dogmatismo e do enciclopedismo. Sua posição está em concordância com as demandas da Reforma de 1918, uma vez que, para o autor, “a estagnação das universidades se deve tanto à ausência do ideal científico, ao qual se fez referência, quanto à orientação antiquada de seu ensino” (Levene, 1921b, p. 521). Para tanto, os professores foram incumbidos de desenvolver seus programas de curso, incluindo leituras e fontes: “A inovação fundamental adotada consiste em métodos de pesquisa que transformam as salas de aula em oficinas, aprendendo a buscar documentos, a aplicar procedimentos críticos para refiná-los, a testar a síntese e, finalmente, apresentá-la” (Levene, 1921b, p. 521).⁷ Em consonância com estes postulados metodológicos, os seminários (liderados por um graduado ou chefe de seminário) serão concebidos para

(...) a leitura e o comentário das obras que servem de base para a apresentação do professor e cujo conhecimento direto o aluno deve possuir — e não por mera alusão ou referência a citações. A atitude dos alunos nessas aulas práticas não é a de meros espectadores. Eles devem compilar sua pasta de trabalho, com as glosas, fichas, comentários e observações feitas, e apresentá-la ao professor (Levene, 1921b, p. 522. Trad. nossa).⁸

Como já vimos, o projeto delineado pelo Dr. Levene para a “reforma das humanidades” incluía questões metodológicas e práticas, como a adesão a um “humanismo moderno”, que exigia um trabalho científico sistemático baseado na coleta de fontes documentais. O objetivo era superar uma universidade

7 No original: “El estancamiento de las Universidades obedece tanto a la carencia del ideal científico, a que se ha aludido, como a la anticuada orientación de su enseñanza (...) La innovación fundamental adoptada consiste en la de los métodos de investigación que transforman las aulas en talleres de trabajo, aprendiéndose a hacer la búsqueda del documento, a aplicar los procedimientos de la crítica para depurarlos, a ensayar la síntesis y a exponerla en fin”.

8 No original: “(...) la lectura y comentario de aquellas obras que sirven de base a la exposición del profesor y cuyo conocimiento directo — y no por mera alusión o referencia de citas — debe poseer el estudiante. La actitud de los alumnos en tales clases prácticas, tampoco es de simple espectador (sic). Debe formar su carpeta de trabajos, con las glosas, fichas, comentarios y observaciones realizadas, presentándola al profesor”.

profissionalizante e possibilitar a transformação em uma universidade de pesquisa (Levene, 1921d). Isso naturalmente exigiu atenção especial, entre outras questões, à *educação multilíngue dos alunos*:

O estudo das línguas vivas ganhou vida durante os decanatos de Levene, que consideravam esses estudos fundamentais para a promoção da ‘modernização’ das humanidades. Em 1929 criou a seção de Línguas Vivas sob a direção de José A. Oría, que começou a operar com o corpo docente de francês em 1930 e inglês em 1943 (Ruvituso, 2009, p. 20. Trad. nossa).

A organização e implementação de cursos de línguas estrangeiras para a formação dos alunos, abrangeu na prática, desde os estágios iniciais da educação (ensino primário),⁹ passando pelo nível secundário, até os alunos de licenciatura e doutorado. Em efeito, como passo preliminar à criação da Seção de Línguas Vivas (1929), Levene projetou e implementou, já em 1922, cursos de línguas estrangeiras na FaHCE-UNLP como cursos livres, mas claramente orientados para complementar a carreira acadêmica dos alunos da faculdade:

Por iniciativa da Faculdade e *atendendo ao propósito de aperfeiçoar o conhecimento de línguas estrangeiras essenciais para as referências bibliográficas por parte dos estudantes universitários*, o Honorável Conselho Superior aprovou a seguinte portaria:

«Art. 1. - A Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação é responsável pela organização de cursos de idiomas vivos *para todos os alunos da Universidade*, de acordo com os seguintes regulamentos: 1. *Os cursos de línguas livres serão em inglês, francês e alemão*. Os cursos de inglês terão a duração de dois anos para os licenciados e alunos com preparação equivalente nessa língua. O curso de alemão será desenvolvido ao longo de três anos; 2. Cada curso poderá ter no máximo trinta alunos matriculados. A promoção ao grau imediatamente superior será concedida mediante parecer favorável do respetivo professor. Os cursos terão a duração de duas horas semanais; 3. *Para se inscrever nesses cursos, é pré-requisito ser aluno regular*

9 No que se refere ao ensino das línguas modernas ou “idiomas vivos” no nível fundamental, na “Memoria del Decano...” (Levene, 1921c) — onde o autor expõe o trabalho realizado durante o ciclo de 1920-1921; temas parcialmente avançados em Levene, 1921b —, é feita menção a um aspecto significativo da gestão: a incorporação do ensino do *inglês* na “Escuela graduada anexa” (escola de primeiro grau dependente da Faculdade); um acréscimo curricular que Levene também tentaria desenvolver quase imediatamente no nível universitário, como parte de sua reforma das humanidades: “Finalizado con esto el estudio del proyecto de presupuesto para 1920, Facultad y Escuela graduada, el señor decano expone sus puntos de vista sobre la necesidad de iniciar el estudio de idiomas extranjeros en la Escuela primaria, tarea a que gustoso se prestará el alumno, con todas las garantías de éxito, por ser su edad la más propicia para estudios de esta naturaleza, y piensa que podría incluirse en el presupuesto, para la escuela, una partida de pesos 500 para dos profesores. De inmediato se aprueba tal proposición, contra el voto del señor Marasso Rocca, agregándose que los profesores serán alumnos egresados de la Escuela de lenguas vivas de Buenos Aires” (Cfr. FaHCE-UNLP, 1920, p. 428).). Em 1923, foi confirmada a incorporação do “Ensino de línguas vivas nos anos superiores” na reforma curricular da Escola Graduada Anexa (ensino primário) (FaHCE-UNLP, 1923, p. 497).

de qualquer uma das faculdades ou institutos da Universidade; 4. O método de ensino será eclético, consistindo em leituras, glosas, interpretações, conversações e exercícios. Será dada especial atenção a textos, revistas estrangeiras ou catálogos de interesse dos alunos; 5º Os professores de tais cursos serão os do Colégio Nacional ou Liceu de Senhoritas que o Reitor da Universidade designar para esse fim, remunerando seus serviços com a quantia de 30 pesos mensais por hora semanal que exceder as 6 horas a seu cargo no instituto de ensino secundário.

(...)

Para isso, o reitor da Universidade nomeou a Profa. Sofia Dieckman de Temperley, docente do Liceu de Senhoritas, para ensinar *inglês* e *alemão*, e o Prof. Jaime Arrambide, docente do Colégio Nacional, para ensinar *francês*.

A matrícula de alunos excedeu o número prescrito pela portaria, e muitos foram admitidos sob condição. Os cursos têm funcionado sem problemas, com duas aulas por semana (FaHCE-UNLP, 1922, p. 258-259. Trad. Nossa. Grifo nosso).¹⁰

A complementaridade desses cursos em relação ao plano de “Reforma das Humanidades”, que pressupunha uma abordagem claramente orientada para a pesquisa, expressa-se em três aspectos centrais: a) A proposta era exclusivamente dirigida a estudantes universitários (“alunos regulares”); b) O objetivo era atender ao tratamento da bibliografia abordada nos seminários; c) A recomendação metodológica girava em torno de uma abordagem “eclética”, que priorizava a leitura e o texto. O escopo da medida incluía atender às necessidades não apenas dos alunos da FaHCE, mas também de outras unidades acadêmicas da UNLP;

¹⁰ No original: “A iniciativa de la Facultad y respondiendo al propósito de perfeccionar el conocimiento de los idiomas extranjeros indispensables para las consultas bibliográficas de los alumnos de la Universidad, el honorable Consejo superior sancionó la siguiente ordenanza: «Art. 1º. - Encomiéndase a la Facultad de Humanidades y ciencias de la educación la organización de los cursos de idiomas vivos para todos los alumnos de la Universidad, de acuerdo con la siguiente reglamentación: 1º Los cursos libres de idiomas serán de inglés, francés y alemán. Los cursos de inglés durarán dos años para los bachilleres y alumnos que tengan en dicho idioma una preparación equivalente. El curso de alemán se desarrollará en tres años; 2º En cada curso no podrá haber más de treinta inscritos. La promoción del curso superior se hará previo informe favorable del profesor respectivo. Los cursos se desarrollarán en dos horas semanales; 3º Para inscribirse en tales cursos es requisito previo ser alumno regular de cualquiera de las facultades o institutos de la Universidad; 4º El método de enseñanza será eclético, de lecturas, glosas, interpretaciones, conversaciones y ejercicios. Se tendrán especialmente en cuenta los textos, revistas extranjeras o catálogos de interés para los alumnos; 5º Los profesores de tales cursos serán los del Colegio nacional o Liceo de señoritas quienes el presidente de la Universidad designe a tal fin, remunerándose sus servicios con la suma de pesos 30 mensuales por hora semanal que exceda de las 6 a su cargo en el instituto secundario. (...) Para su cumplimiento, el presidente de la Universidad designó a la profesora del Liceo de señoritas señora Sofia Dieckman de Temperley, para los cursos de inglés y alemán, y al profesor del colegio nacional señor Jaime Arrambide para el curso de francés. La inscripción de alumnos sobrepasó el número prescrito en la ordenanza, admitiéndose muchos con carácter de condicional. Los cursos se han desarrollado con toda normalidad a razón de dos clases semanales”.

por exemplo, os alunos do Instituto do Museu, cujas atividades relacionadas às ciências naturais exigiam conhecimentos de inglês e alemão:

Instituto do Museu envia lista de alunos que devem ser aprovados em Inglês e Alemão na Faculdade. — O Conselho, tendo em conta que os cursos de línguas atualmente ministrados na Faculdade têm o carácter de livres, resolve solicitar à professora responsável pelos mesmos programas adaptados a estes alunos e que informe sobre estas exigências, para que até ao final do ano possam ser aprovados nestas línguas como alunos regulares (UNLP, 1928, p. 314. Trad. nossa).¹¹

Esses três pilares já são inerentes à prática de *comprensão de leitura* (“lectocomprensión”) atualmente desenvolvida para fins acadêmicos nas universidades em cursos instrumentais de línguas, como parte do currículo de graduação (Klett, 2007). A decisão de política educacional da administração do Dr. Levene constitui, portanto, *um precedente fundador* dos cursos com fins acadêmicos nas universidades públicas do nosso país. No caso do FaHCE-UNLP, esse gesto pioneiro continuará no programa denominado “Capacitación en Idioma”, iniciado em 1958 (ainda em uso hoje), como veremos na segunda parte.

As ações do diretor Levene em favor do ensino de línguas vivas ou modernas na UNLP constituíram uma *política linguística* (Cooper, 1997; Spolsky, 2016; Tollefson, 2015; Varela, 2018) coerente e solidária com seu projeto mais amplo de “reforma das humanidades”; esta, por sua vez, insere-se no contexto das transformações impulsionadas pela Reforma Universitária de 1918. Uma breve revisão de suas ações e implementações específicas incluíam: a) Incorporação de línguas estrangeiras, inglês e francês, nos anos finais do ensino primário (Escola graduada anexa) em 1921; b) Incentivos ao ensino de línguas no nível secundário dependente da UNLP (Colégio Nacional e Liceu de Senhoritas); c) Criação, em 1922, de cursos livres de idiomas para alunos regulares da UNLP; d) Projeto para a criação de um “Instituto para el estudio de la lengua y literatura francesa e inglesa” em 1928; e) Criação, em 1929, da “Sección del Profesorado en Idiomas Vivos” e dos professorados (Licenciaturas) para o estudo da língua e literatura francesa e inglesa.¹² A licenciatura em língua francesa iniciou suas

11 No original: “Instituto del museo, envía nómina de alumnos que deben aprobar inglés y alemán en la Facultad. — El Consejo, teniendo en cuenta que actualmente los cursos de idiomas vivos que se dictan en la Facultad tienen el carácter de libres, resuelve solicitar de la profesora a cargo de los mismos programas adaptados a dichos alumnos y que informe sobre estas exigencias, a fin de que terminado el año aprueben dichos idiomas como alumnos regulares”.

12 “El Consejo académico de la Facultad resolvió en sesión del 9 de octubre de 1929, crear la Sección del profesorado en idiomas vivos, designando director honorario al profesor don José A. Oria. La tarea del director debe referirse a los siguientes puntos: a) Proyectar los programas de ingreso a los respectivos profesorados; b) Proyectar los programas de los cursos de francés, historia y literatura francesa, comprendiendo todos los años del

atividades em 1930, enquanto a licenciatura em inglês o fez em 1943 (Finocchio et al., 2001, p. 91 *et seq.*). Outros projetos bem posteriores seguiram o caminho inicialmente traçado pelo Dr. Levene: a Escola Superior de Línguas Vivas, em 1950; a “Capacitación en idioma extranjero”, em 1958; o curso de Tradutor Juramentado em Francês e Inglês, em 1963; e o Laboratório de Línguas, em 1967 (Finocchio et al., 2001).

Assim como a *reforma das humanidades* se opôs ao *cientificismo positivista* dos “pedagogos” que dominaram a etapa fundacional da Faculdade de Ciências da Educação da UNLP (Coll Cárdenas, 1998), também confrontou as posições no *campo educacional* da FaHCE em favor das línguas clássicas, como se pode constatar nos debates realizados na sessão do Conselho Acadêmico da Faculdade de Ciências da Educação, em 22 de setembro de 1920: “Não prosperou a moção do Sr. Retagnio no sentido de que o ensino fosse ‘de história e geografia em língua estrangeira’, nem a do Sr. Marasso Rocca, que solicitou o ensino de latim e grego” (FaHCE-UNLP, 1920, p. 428. Trad. nossa). Podemos também observar um sintoma dessa oposição na proposta de 1928 que equiparava os institutos de estudos de inglês e francês ao instituto de estudos helenísticos: “Relatório da Comissão de Ensino sobre os projetos do senhor diretor pelos quais são criados o Instituto de estudos de língua e literatura francesa e inglesa e o Instituto de estudos helenísticos” (UNLP, 1928, p. 355. Trad. nossa).¹³

Em relação a isto, deve-se notar que os cursos de línguas estrangeiras modernas confrontavam uma longa tradição universitária que valorizava o aprendizado de “línguas clássicas”, principalmente latim e grego. As designações “línguas modernas” ou “idiomas modernos” — ainda presentes nos organogramas de algumas instituições argentinas de ensino superior — são exemplos desse confronto/distinção histórica entre “línguas clássicas” e “línguas modernas”. Nesse sentido, Ranea (2005) se refere a essa circunstância ao discutir as tensões que ocorreram no campo das humanidades da Universidade Nacional de La Plata, com foco no conflito entre as línguas clássicas e modernas e o subsequente estabelecimento do *inglês como língua veicular do conhecimento*; um

profesorado; c) Determinar la correlación de la enseñanza de las disciplinas en francés, con la cultura general y otras disciplinas que corresponden al Plan de estudios de la Facultad; d) Proyectar un plan de trabajos para la realización de estudios especiales sobre historia y literatura francesa, así como también lo relativo a la extensión universitaria que corresponde desarrollar a los cursos de idiomas vivos. RICARDO LEVENE. Carlos Heras” (FaHCE-UNLP, 1926/1929, p. 21-24). Em FaHCE-UNLP (1929, p. 321-323) consta o plano de estudos da licenciatura (“profesorado”) em Francês.

13 Nos originais: “No prospera la moción que hace el señor Restagnio en el sentido que la enseñanza fuera «de historia y geografia en idioma extranjero», como tampoco la del señor Marasso Rocca, que pide la enseñanza de latín y griego”. “Despacho de la Comisión de enseñanza sobre los proyectos del señor decano por el que se crea el Instituto para el estudio de la lengua y literatura francesa e inglesa, y el Instituto de estudios helénicos”.

conflito foi “o confronto entre os defensores das humanidades clássicas e os das modernas”. Uma vez encerrada a disputa em favor das línguas modernas,

(...) se procurou determinar qual delas era a mais apropriada e rigorosa para o desenvolvimento dos estudos humanísticos. Um debate em que não há debate, uma guerra não declarada entre culturas, esse problema não foi realmente vivenciado como um verdadeiro conflito: quase unanimemente, a língua inglesa foi consagrada como a mais apropriada para que os estudos do pensamento humanístico alcançassem rigor e seriedade (Ranea, 2005, p. 138. Trad. nossa).

Percebe-se que os diversos modelos que giraram em torno da construção de uma universidade moderna refletiam posições paradoxais quanto ao ensino de línguas modernas, reproduzindo tensões e assimetrias que podiam ser identificadas no uso das línguas em diversos campos do conhecimento e no âmbito social; com uma organização que se apoiava em experiências de etapas anteriores do sistema educacional, o ensino fundamental e, principalmente, o ensino médio, especialmente no que se refere à participação dos docentes dos cursos.

3. O “SISTEMA ORBITAL DAS LÍNGUAS”; O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DO CONHECIMENTO

A oposição entre *línguas clássicas* e *línguas modernas* na FaHCE, como apontado por Ranea (2005), permite-nos considerar, por outro lado, a distribuição das línguas modernas oferecidas no nível universitário; um recorte da realidade linguística que configura um *pequeno sistema imaginário* e não menos conflituoso no qual estão representadas as línguas consideradas prestigiosas. A oferta linguística constitui, assim, um *microssistema orbital de línguas universitárias* (no qual o inglês ocupará, no final do século XX, o lugar de *língua supercentral* segundo a classificação sociológica das línguas de Swaan (2001) e Calvet (2005; 2012).

Como sabemos, os *cursos instrumentais ou acadêmicos de línguas estrangeiras* começaram a ser ministrados na UNLP em 1958, dependentes da Seção de Línguas Estrangeiras do FaHCE:

As capacitações [“capacitaciones”] foram organizadas em torno de um plano de estudos composto por dois cursos: um latino (francês, italiano ou português) e o outro germânico (inglês ou alemão, opcional). Os métodos de ensino aplicados buscavam superar técnicas de tradução mecânicas e lineares, substituindo-as por abordagens globais de textos específicos de cada disciplina. Os alunos eram incentivados a descobrir a arquitetura dos textos e a identificar ideias e expressões-chave para alcançar uma compreensão conceitual dos mesmos (Finocchio *et al.*, 2001, p. 95-96. Trad. nossa).

Essa distribuição registrada por Finocchio *et al.* (2001) responde à oferta atual de cursos de línguas para cursos de graduação, mas não reflete o

desenvolvimento e a consolidação desse *sistema orbital de línguas* ao longo do século XX.¹⁴ No início, como vimos, três idiomas eram oferecidos: *francês, inglês e alemão* (FaHCE-UNLP, 1922, p. 258-259). Em 1938, o italiano foi incluído.¹⁵ E uns anos depois, com posterioridade a 1958, o português passou a ser oferecido regularmente em 1967. Antes dessa data, curiosamente o português era oferecido como um “curso livre” (1955). No entanto, os diferentes currículos estabeleciam quais línguas poderiam ser escolhidas a partir do repertório oferecido. De acordo com o currículo de Filosofia de 1960, por exemplo, os alunos eram obrigados a concluir um curso de “Capacitación en idioma” moderno após aprovação do 60% das disciplinas (13 disciplinas aprovadas) e outra “capacitación” após aprovação de 90% das disciplinas (20). O plano em questão estipulava:

O conhecimento de línguas modernas será puramente instrumental, e o teste de qualificação se concentrará exclusivamente na tradução de um texto filosófico. Os alunos devem escolher uma língua latina (francês ou italiano) no primeiro ano. No segundo ano, uma língua saxônica ou germânica (inglês ou alemão) (Departamento de Filosofia UNLP, 1960, p. 2. Trad. Nossa).

Ao mesmo tempo, com um caráter semelhante aos cursos de línguas modernas, os alunos deveriam se dedicar ao estudo das línguas clássicas:

O estudo das línguas clássicas também será estritamente funcional. Os cursos de intensificação e práticos de grego e latim não são considerados disciplinas promocionais e serão baseados em trabalhos práticos de tradução de textos filosóficos obrigatórios. Serão ministrados por assistentes de ensino e supervisionados pelos professores de grego II e latim II, respectivamente, com uma carga horária de três horas semanais (Departamento de Filosofia UNLP, 1960, p. 2. Trad. nossa).¹⁶

No que se refere à inclusão do *português* entre as línguas acadêmicas da

14 “A lo largo de prácticamente todo el siglo XX, en el sistema escolar público la enseñanza de lenguas extranjeras quedó circunscripta al nivel medio y universitario a las siguientes lenguas: alemán, francés, inglés, italiano y portugués” (Bein, 2012, p. 45).

15 “Además, se hallan instituidos los cursos de *Lectura y comentario de textos* y los cursos de investigación (...) [y] los cursos de trabajos prácticos de filosofía, literatura, latín y griego. Hay cursos libres de inglés, alemán e italiano (...)” (FaHCE-UNLP, 1938, p. 7. Griffó nosso).

16 No original: “El conocimiento de las lenguas modernas tendrá un carácter puramente instrumental y la prueba de capacitación versará únicamente sobre la traducción de un texto filosófico. El alumno deberá optar en el primer año por un idioma latino (francés o italiano). En el segundo por un sajón o germano (inglés o alemán)” (...) “El estudio de las lenguas clásicas será también de carácter estrictamente funcional. Los cursos de intensificación y práctica de griego y latín no constituyen materias de promoción y se realizarán en base a trabajos prácticos de traducción sobre textos filosóficos de carácter obligatorio. Serán dictados por docentes Auxiliares y dirigidos por los profesores de griego II y latín II respectivamente con un horario de tres horas semanales”.

FaHCE (UNLP), pode-se dizer que se constituiu em um fenômeno singular de intervenção de uma política linguística em prol do *status* dessa língua como língua de conhecimento, que alterou precocemente o *microsistema orbital de línguas prestigiosas* ensinadas até então no nível universitário superior (francês, inglês, italiano ou alemão). De acordo com o que se depreende da documentação reunida no Repositório de *Memória Acadêmica* da UNLP-FaHCE (<https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/>), a língua portuguesa era oferecida como curso livre antes de 1958, dependente do Departamento de Letras (1955); e em 1967 já era um curso regular. Trata-se de um evento paradoxal, mas que se faz necessário destacar, pois ocorreu em um contexto histórico particular pouco favorável à internacionalização da língua portuguesa; um processo que, segundo Oliveira (2013), passava então pelo que ele chama de “primeira fase”, que se estendeu de 1930 a 1974, e que foi marcada por ditaduras, colonialismo e pela prevalência da modernização conservadora, circunstâncias desfavoráveis à difusão internacional da língua portuguesa.¹⁷

Contudo, além de contar com uma estrutura institucional determinante como os “cursos de idiomas vivos” (iniciados em 1922), também é possível supor que a incorporação do português ao conjunto de línguas destinadas aos cursos de graduação, por volta do início da década de 1950, teria operado uma transformação favorável do *status* dessa língua no campo educacional (Cooper, 1996; Tollefson, 2015; Varela, 2018). Isso nos permitiria relacionar esse fenômeno de inovação ocorrido na FaHCE-UNLP com antecedentes cuja lógica remeteria

17 A este respeito, vale ressaltar que em outras unidades acadêmicas argentinas o português foi incorporado posteriormente. Antes do Mercosul (1991), além do caso da FaHCE (UNLP) (1955), registramos apenas dois casos de incorporação da língua portuguesa no contexto de cursos de língua estrangeira destinados a serem oferecidos como disciplinas nos currículos de cursos de graduação: a) na Faculdade de Humanidades e Artes (FHyA) da Universidade Nacional de Rosário (UNR), em 1970 e na Faculdade de Filosofia e Letras (FFYL) da Universidade de Buenos Aires (UBA), em 1989. Com relação à FHyA (UNR), Miranda e Arman (2020) mencionam a oferta de cursos com finalidades específicas: “(...) a disciplina ‘Português’ faz parte da oferta de línguas desde a criação do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Nacional de Rosário – departamento esse nascido na década de 1970, com o intuito de centralizar a oferta de línguas para os estudantes de todas as faculdades dessa Universidade” (Miranda; Arman, 2020, p. 525). No que se refere à FFYL (UBA), a Cátedra de Português foi criada no Departamento de Línguas Modernas, pela Resolução n° 4.380 do “Decanato”, com base numa resolução do ano anterior do Conselho Diretivo da Faculdade, à semelhança das cátedras de Inglês, Italiano, francês e alemão já existentes. A incorporação da disciplina Português no Departamento de Línguas Modernas da FFYL (UBA) foi resultado, no plano político, do impulso inicial de integração resultante da histórica reaproximação dos presidentes Alfonsín e Sarney nos anos seguintes à restauração democrática — consolidada alguns anos depois com a assinatura do Tratado de Assunção (1991); e, no plano institucional, das gestões feitas pela Profa. Estela Klett como diretora do Departamento de Línguas Modernas e do Dr. Wagner Novaes como diretor do Centro de Estudos Brasileiros dependente da Embaixada do Brasil em Buenos Aires.

à marca da política externa regional e à disponibilidade de professores formados na área: “A aproximação com o Brasil por meio de convênios entre Perón e Getúlio Vargas contribuiu para fortalecer ligeiramente o ensino do português, que tinha presença reduzida desde 1942; em 1954, foi criado o ‘Profesorado [licenciatura] de Portugués’ no ‘Instituto Nacional del Profesorado en Lenguas Vivas’” (Bein, 2012, p. 46. Trad. nossa).

Um fator concomitante, portanto, tinha a ver, ao mesmo tempo, com as características e condições próprias do ensino de português para a formação de professores em nosso país, já em vias de consolidação por volta de 1954; o que possibilitou a influência e a disponibilidade de docentes provenientes do programa de formação de professores de português, facilitando assim a implementação da língua no nível universitário.¹⁸

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento do Professor Levene sobre a missão da universidade e o papel das humanidades foi moldado por suas intervenções como diretor da FaHCE na década de 1920. Em seus escritos, é possível observar a relevância do contexto histórico imediato, marcado pelas ações e reivindicações coletivas da Reforma Universitária de 1918. Em consonância com isso, o discurso de Levene se

¹⁸ No Repertório da UNLP constam os programas da asignatura “Capacitación en Portugués” (disciplina regular), a partir de 1967, ministrada pela Professora Alicia Haydée Gaibisso, — que também lecionava no curso terciário não universitário para a formação de professores de português do Instituto Superior de Línguas Vivas “Juan Ramón Fernández” de Cidade de Buenos Aires. Antes dessa data, no Repositório surgem os seguintes programas: a) *Curso Libre de Idioma Portugués II*, Gaibisso, Alicia Haydée, Departamento de Letras, Ano: 1955. Tipo de curso: Disciplina; b) *Extensión Universitaria en Idioma Portugués I*, Gaibisso, Alicia Haydée. Departamento de Letras, 1957; c) *Extensión Universitaria en Idioma Portugués I*, Gaibisso, Alicia Haydée, Departamento de Letras, 1958; d) *Extensión Universitaria en Idioma Portugués II*, Gaibisso, Alicia Haydée, Departamento de Letras. 1961. O curso de *Capacitación de Portugués I* de 1967, diferentemente dos anteriores, tinha o caráter de um *curso regular*, como aqueles previamente implementados para as outras línguas a partir de 1958. A versão digitalizada do programa da disciplina *Capacitación en Portugués* do ano 1980 (Gaibisso, 1980) permite ter uma ideia aproximada da metodologia empregada e da abrangência do curso, que levava em conta a leitura global, a tradução, as diferentes matrizes disciplinares e os aspectos culturais: “...la necesidad del conocimiento de los idiomas extranjeros, desde el punto de vista instrumental, (...) dirigido a los estudiantes de la Facultad, para permitirles, en breve tiempo, el manejo de los textos específicos que les permitan el acceso a la bibliografía (...) El presente programa se desarrollará mediante la lectura y comprensión global de trozos de obras que tratan temas generales a las carreras de los estudiantes que participen en la clase (...) la prueba parcial y el examen final consisten en la traducción de un texto original de portugués a castellano (...) En la elección de los textos también se considerarán temas que se refieran a la vida brasileña y portuguesa...”. A *Capacitación en Portugués*, de acordo com dito programa, se oferecia para os estudantes dos seguintes cursos de graduação (bacharelados ou licenciaturas): Geografia, História, Ciências da Educação, Literatura, Filosofia, Psicologia, Educação Física, Inglês e Tradutor juramentado em idioma inglês.

apresenta permeado claramente pelos ideais do *espiritualismo* e do *idealismo* do pós-guerra. Nesse sentido, o principal objetivo de Levene como gestor da FaHCE era a disseminação e a implementação de uma reforma das humanidades que, embora tivesse motivações mais gerais ou universais (em consonância com o pensamento idealista então em voga), também se justificava como estratégia política para superar o estilo de ensino positivista e profissionalizante que dominou a FaHCE até 1920 em sintonia com as reclamações dos estudantes reformistas.

A *reforma das humanidades* assumiu, assim, o imperativo de organizar a vida acadêmica em torno de um ideal de *produção científica humanística* – dentro do qual disciplinas específicas (história, literatura, filosofia) ganhassem preponderância e legitimidade sobre as disciplinas pedagógicas – o que implicaria um realinhamento das diversas posições presentes no campo educacional da instituição. A insistência metodológica no trabalho em sala de aula com documentos, a leitura crítica de bibliografia especializada em primeira mão e a revisão sistemática por meio de fichas, implicavam um necessário conhecimento de línguas modernas por parte dos alunos; o que significava que o projeto de reforma das humanidades incluía um papel importante para o planejamento e ensino de “idiomas vivos”, visando ao treinamento multilíngue dos estudantes.

A partir de 1922, circunscritas ao ensino da *compreensão de leitura* (seja pelo *método gramatical-tradução*, seja pelo *método de leitura global*), as línguas modernas na universidade estabeleceram *uma nova tradição em torno da cultura letrada* e acompanharam um processo de renovação dos métodos de ensino no ensino superior que se estendeu por todo o século XX. Ao longo das décadas, os cursos de línguas modernas não só cumpriram o objetivo de impor *um novo paradigma* (em oposição às línguas clássicas) que valorizava novos conhecimentos científicos, como também adquiriram um *poder compensatório* no acesso a esses conhecimentos, com o objetivo de equilibrar as diferenças de *capital cultural* entre os alunos (procedentes em sua maioria das nascentes classes médias fruto da imigração) e como resposta à massificação do sistema educacional. Nesse quadro inovador, iniciado com a Reforma de 1918 e o governo do diretor Levene, a inclusão do português como língua de estudo nos cursos universitários antes de 1958 (data oficial da criação do programa de “Capacitación em Idioma Extranjero”) foi provavelmente influenciada por fatores externos e por condições favoráveis na formação de professores na década de 1950. No entanto, isso foi possível internamente por decisões institucionais tomadas décadas antes para promover o desenvolvimento do multilinguismo na FaHCE-UNLP (“cursos de idiomas vivos”) nas humanidades. Isso constituiu uma iniciativa pioneira que possibilitou a incorporação do idioma português no sistema de línguas de prestígio previamente implementado nos programas de graduação da universidade.

REFERÊNCIAS

- ALLENDE, A. Ricardo Levene y los estudios humanísticos en la Universidad Nacional de La Plata. **Trabajos y Comunicaciones**. La Plata, n. 14, p. 9-29, 1965.
- ALLENDE, A. Ricardo Levene, presidente de la Universidad de La Plata. **Trabajos y comunicaciones**. La Plata, n. 20, p. 15-34, 1970. Disponible en: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.1071/pr.1071.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.
- BEIN, R. **La política lingüística respecto de las lenguas extranjeras en la Argentina a partir de 1993**. Tese de doutorado. Viena: Universidade de Viena, 2012. Disponível en: https://www.academia.edu/76511372/La_política_lingüística_respecto_de_las_lenguas_extranjeras_en_la_Argentina_a_partir_de_1993. Acesso em: 15 mar. 2025.
- BIAGINI, H. El movimiento estudiantil-reformista y sus mentores. In: BIAGINI, H. (Ed.). **La Universidad de La Plata y el movimiento estudiantil. Desde sus orígenes hasta 1930**. La Plata: EDULP, 2001. p. 153-210.
- BOURDIEU, P. El conflicto de las facultades. In: **Homo Academicus**. Buenos Aires: Siglo XXI, Editores, 2014. p. 53-97.
- BOURDIEU, P. Lo que quiere decir hablar. El mercado lingüístico. In: **Sociología y cultura**. México: Grijalbo, 2002. p. 95-108; 143-158.
- BUCHBINDER, P. **Historia de las universidades argentinas**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005.
- BUSTELO, N. V. **La reforma universitaria desde sus grupos y revistas: Una reconstrucción de los proyectos y las disputas del movimiento estudiantil porteño de las primeras décadas del siglo XX (1914-1928)**. Tese de doutorado. La Plata: Universidade Nacional de La Plata. Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação, 2015. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.1307/te.1307.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- BUSTELO, N. V. **Todo lo que necesitás saber sobre la reforma universitaria**. Buenos Aires: Paidós, 2018.
- CALVET, L-J. Mondialisation, langues et politiques linguistiques. **Revue du GERFLINT**. n. 1, p. 1-12, 2005. Disponível em: <https://www.gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- CALVET, L.-J. Nouvelles perspectives sur les politiques linguistiques: le poids des langues. **Niterói**, n. 32, p. 55-73, 2012.
- CLARK, B. **El sistema de educación superior. Una visión comparativa de la organización académica**. México: Nueva Imagen, 1991.
- COLL CÁRDENAS, M. D. La universidad nueva entre 1897 y 1995. In: BARBA, F. E. (Org.). **La Universidad Nacional de La Plata en su centenario 1897 – 1997**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1998. p. 16-65.

COOPER, R. **La Planificación Lingüística y el Cambio Social**. Madrid: Cambridge University Press, 1997.

DEPARTAMENTO DE FILOSOFÍA (UNLP). **Profesorado en Filosofía. Plan de Estudios 1960**. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/planes/pl.81/pl.81.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

FaHCE-UNLP. Acta de la sesión del Consejo Académico de la Facultad de Ciencias de la Educación, del Día 22 de septiembre de 1920. In: Universidad Nacional de La Plata. **Actos y Documentos**. Tomo Primeiro. La Plata: UNLP, 1920. p. 419-428.

FaHCE-UNLP. Extensión universitaria. Cursos libres de idiomas vivos para todos los alumnos de la Universidad. **Humanidades**. La Plata: n. 4, p. 258-259, 1922. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.7139/pr.7139.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

FaHCE-UNLP. Cursos de seminarios. Reforma del plan de estudios de la escuela graduada anexa. **Humanidades**. La Plata, n. 5, p. 493-497, 1923. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.7147/pr.7147.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

FaHCE-UNLP. **Sección del Profesorado en Idiomas Vivos. Fundamentos del nuevo Plan de estudios (Plan de estudios)**. La Plata: UNLP, 1926-1929. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/planes/pl.163/pl.163.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

FaHCE-UNLP. Creación de los profesorados para el estudio de la lengua y literatura francesa e inglesa. Noticias de la facultad. **Humanidades**, La Plata, n. 19, p. 313-325, 1929. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5093/pr.15093.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

FaHCE-UNLP. **Información general sobre los estudios que en ella se realizan. Plan de estudios**. La Plata: UNLP, 1938. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar>. Acesso em: 15 fev. 2025.

FINOCCHIO, S. *et al.* **Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Documentos y notas para su historia**. La Plata: Ediciones al Margen/ Ediciones de la Universidad Nacional de la Plata, 2001. Disponível em: <https://libros.unlp.edu.ar/index.php/unlp/catalog/view/1400/1383/4515-1>. Acesso em: 1 mar. 2025.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GAIBISSO, A. H. **Capacitación en portugués**. Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1980. Programa. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/programas/pp.3141/pp.3141.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

KLETT, E. Lecture-compréhension em FLE à l'université: um parcours de cinquante ans. **Éla. Etudes des linguistique appliquée**. Paris, v. 4, n. 148, p. 437-445, 2007.

- LEVENE, R. Nota sobre la reforma del plan de estudios. **Humanidades**. La Plata, v. 1, p. 530-533, 1921a. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/76491907.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- LEVENE, R. Memoria correspondiente al curso 1920-1921. **Humanidades**. La Plata, v. 1, p. 516-529, 1921b. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.7119/pr.7119.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.
- LEVENE, R. Memoria del Decano correspondiente al curso de 1921. **Humanidades**. La Plata, v. 3, p. 487-492, 1921c. Disponível em: https://memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.7136/pr.7136.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.
- LEVENE, R. El poder universitario. **Humanidades**. La Plata, v. 4., p. 241-248, 1921d. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.1773/pr.1773.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.
- LOBATO, M. Z.; SURIANO, J. **Nueva historia argentina. Atlas histórico**. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.
- MIRANDA, F.; ARMAN, J. Uma proposta de português para fins específicos na perspectiva interacionista sociodiscursiva. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 18, n. 17, p. 514-538, 2020. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/219006d3188028846818858d7964ff21.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- OLIVEIRA, G. M. de. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas, v. 52, n. 2, p. 409-433, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/MvzjfZ35mKhnXHjWW5W7rMk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- PUIGGRÓS, A. **¿Qué pasó en la educación argentina? Breve historia desde la conquista hasta el presente**. Buenos Aires: Galerna, 2015.
- RANEA, A. G. La lengua del paraíso: conflictos recurrentes en las humanidades en la historia de la Universidad Nacional de La Plata. **Saber y Tiempo**. n. 20, p. 137-156, 2005.
- RAPOPORT, M. (Dir.). **Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2000)**. Buenos Aires: Ediciones Macchi, 2000.
- ROTHBLATT, S.; WITTRICK, B. **La Universidad europea y americana desde 1800. Las tres transformaciones de la Universidad**. Barcelona: Ediciones Pomares – Corredor, 1996.
- RUVITUSO, C. I. **Política universitaria y campo académico: Un estudio centrado en la trayectoria del área de filosofía de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata (1920-1946)**. Tese de licenciatura. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (UNLP), 2009. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.610/te.610.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SARLO, B. **Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.

SOLARI, M. H. **Historia de la educación argentina**. Buenos Aires: Paidós, 1980.

SPOLSKY, B. Para uma teoria de políticas linguísticas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 14, n. 26, p. 32-44, mar. 2016. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/f69d74cdefbd9c6efb801010f2ac8b13.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2025.

SWAAN, A. de. **Words of the world: the global language system**. Londres: Polity Press, 2013.

TOLLEFSON, J. Historical-Structural Analysis. In: HULT, Fr.; JOHNSON, D. C. **Research methods in language policy and planning: a practical guide**. New Jersey: Blackwell, 2015.

UNLP. FaHCE. Sesión ordinaria (9 de mayo de 1928); Instituto del Museo, 60ª sesión ordinaria (21 de mayo de 1928); FaHCE. Sesión ordinaria (6 de junio de 1928); Sesión ordinaria (27 de julio de 1928). In: **Boletín de la Universidad Nacional de La Plata**. La Plata, t. XII, n. 1., abr. 1928.

VALLEJO, G. “El culto de lo Bello”. La Universidad Humanista de la década del ‘20. In: BIAGINI, H. (Ed.). **La Universidad de La Plata y el movimiento estudiantil. Desde sus orígenes hasta 1930**. La Plata: EDULP, 2001. p. 113-152. Disponível em: <https://www.educ.ar/recursos/90919/el-culto-de-lo-bello-la-universidad-humanista-de-la-decada-d>. Acesso em: 10 mar. 2025.

VARELA, L. Política y gestión de lenguas: experiencias en la educación argentina. In: SOUSA, S. C. TAVARES de; ROCA, M. Del P. & PONTE, A. S. **Temas de política lingüística no processo de integração regional**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 81-104.